

Linguagem, Poder & Educação: Vidas Secas de Graciliano Ramos e o Estado Novo de Getúlio Vargas

Danielle de Campos Gaspar Arraes¹

(King´s College London)

Resumo:

Tendo em consideração que a elite intelectual brasileira após o advento do Modernismo nos anos 20 assumia a postura de compromisso social e cultural em que buscava uma literatura aprofundada nas questões estéticas ao mesmo tempo em que buscava uma literatura capaz de refletir uma realidade social complexa e precária e partindo da ideia de que linguagem é poder, esse artigo visa analisar quais elementos em Vidas Secas de Graciliano Ramos implicam (ou não) em uma crítica indireta ao Estado Novo de Getúlio Vargas, principalmente em relação ao acesso à educação oferecida aos pobres.

Palavras chaves: Estado Novo – Vidas Secas – Linguagem – Poder – Educação

Abstract:

Considering that the Brazilian intellectual elite after the Modernist movement in the 20's took a stance towards social and cultural commitment which sought a literature capable of representing a complex and precarious social reality and based on the idea that language is power, this article aims to analyse what elements in Graciliano Ramos' Vidas Secas imply (or not) an indirect criticism towards Getúlio Vargas' Estado Novo, especially regarding the access to education offered to the poor.

Key words: Estado Novo – Vidas Secas – Language – Power - Education

¹(MA in Portuguese Studies at King's College London – UK. Brasileira residente em Madri. Email: dani.gaspar@hotmail.com. Endereço lattes: <http://lattes.cnpq.br/1872399231733952>)

“Mandacaru
Quando fulora na seca
É o siná que a chuva chega
No sertão”

(Luiz Gonzaga/ Zé Dantas – *Xote das meninas*)

É sabido que a linguagem vai além da função de transmitir informações. Linguagem está intrinsecamente ligada à Ciência, Literatura, Religião, Ética, Política e outros aspectos que envolvem e definem as relações humanas individuais e sociais. Como signo carregado de sentido, toda palavra carrega em si ideologias que representam não somente uma parte de uma realidade como também funcionam como um meio de reflexão e refração de outra realidade (VOLOSINOV, 1973). Considerando-se que toda palavra é um fenômeno ideológico que se realiza unicamente através da interação social, o controle desses signos leva ao estabelecimento de uma relação de poder. Ao longo da história da humanidade, a linguagem sempre foi utilizada como um instrumento de controle das massas na tentativa de estabelecer um dominante. Certamente há outros fatores envolvidos, entretanto, pode-se afirmar que sempre houve uma tensão entre as forças contraditórias que compõem uma sociedade. De um lado o poder da linguagem dominante – como instrumento controlador – e do outro lado, o poder da força social dos dominados. Essa tensão, permeada de reflexões e refrações de realidades, foi bem observados tanto nas obras de Graciliano Ramos quanto na retórica e feitos do governo de Getúlio Vargas.

Esse artigo objetiva refletir acerca das seguintes questões: se ‘linguagem é poder’, então quais são as implicações em *Vidas Secas* de Graciliano Ramos como uma crítica indireta ao Estado Novo? Seria o livro em essência um chamado para a melhoria da educação oferecida aos pobres?

Desde o início de seu governo em 1930, Vargas estava atento ao fato que a linguagem, sob o viés da cultura, poderia ser uma poderosa estratégia de controlar e

unificar os brasileiros, tanto que criou o ministério da Educação e Saúde, que após 1937, período da ditadura do Estado Novo, controlava, por meio da censura, as produções culturais do país, fossem elas literárias, jornalísticas, musicais etc. Por outro lado, Vargas também sabia da necessidade do apoio da grande massa popular para a sua permanência no poder. Com isso criou o ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, articulando e renovando assuntos desprezados pelos seus antecessores: saúde, educação e trabalho. O golpe de Estado de 1937 foi fruto da necessidade em se manter a ordem institucional contra os regionalismos - tendência herdada do período anterior; controlar as divergências entre os grupos dominantes: setores agrários e burguesia industrial e reagir contra a Ação Nacional Libertadora. O período do Estado Novo modificou intensamente as relações entre Estado e sociedade, facilitando a criação de um Estado forte que predominou até meados dos anos de 1940. Baseando-se numa política populista e centralizadora, Vargas construiu uma imagem de protetor dos trabalhadores, recebendo a alcunha de “Pai dos pobres”, utilizando-se desse discurso protecionista para controlar os meios de produção cultural bem como os meios de comunicação, principalmente rádio e jornal. Outra razão para a transformação do rádio e imprensa em meios de utilidade pública foi a de utilizá-los como forma de unificar o país, desenvolvendo um sentimento nacionalista e massificado. Enquanto isso no campo trabalhista, Vargas defendia o discurso do avanço tecnológico e da modernização próprios da era da máquina, buscando fixar o Brasil entre os países capitalistas do primeiro mundo.

Em relação à Educação no âmbito do ensino formal, durante o período que engloba o Estado Novo, houve o surgimento do movimento Escola Nova. Essa nova tendência visava proporcionar um processo de aprendizagem mais ativo, em que a participação do aluno se fazia fator crucial. Contudo, segundo Saviani:

... a “Escola Nova” organizou-se basicamente na forma de escolas experimentais ou como núcleos raros, muito bem equipados e circunscritos a pequenos grupos de elite. No entanto, o ideário escolanovista, tendo sido amplamente difundido, penetrou nas cabeças dos educadores acabando por gerar consequências também nas amplas redes escolares oficiais organizadas na forma tradicional. Cumpre assinalar que tais consequências foram mais negativas que positivas uma vez que, provocando o afrouxamento da disciplina e a

despreocupação com a transmissão de conhecimentos, acabou por rebaixar o nível do ensino destinado às camadas populares as quais muito frequentemente têm na escola o único meio de acesso ao conhecimento. Em contrapartida, a “Escola Nova” aprimorou a qualidade do ensino destinado às elites. (apud ANDREOTTI)

Outros dois fatores relacionados à Escola Nova também devem ser ressaltados aqui. Primeiramente, apesar do aumento da oferta de vagas durante a Era Vargas, esse número foi insuficiente para atingir a maioria da população em idade escolar. Além disso, devido ao perfil ambíguo do governo de Vargas, que ao mesmo tempo reconhecia as necessidades populares, cedendo a algumas pressões, desenvolvia uma política de massa que procurava manipular essas necessidades, transformando a educação em uma forma de controle e difusão da ideologia oficial.

É em meio a essas mudanças que a figura de Graciliano Ramos surge na literatura brasileira. Conhecido por sua inteligência e seu estilo marcante de escrever, Graciliano soube, através de seus romances, contos e memórias, utilizar-se também do poder da linguagem, manipulando-a com seu talento para de forma perspicaz registrar suas opiniões.

De acordo com Valentim Faccioli:

Como o projeto do Estado Novo pretendia a unidade mediante a “superação” dos antagonismos de classe e através da identidade completa entre governo e povo, os intelectuais eram chamados a colaborar, como “homens de boa vontade”. (FACIOLI, 1987, p.68).

Além disso, durante o regime Vargas, o domínio da cultura era visto como um “‘negócio oficial’, implicando um orçamento próprio, a criação de uma ‘intelligentzia’ e a intervenção em todos os setores de produção, difusão e conservação do trabalho intelectual e artístico.”(MICELI, 1979, p. 131). Vários intelectuais de esquerda exerceram funções no governo de Vargas, não somente devido a uma ‘trégua’ em que governistas e comunistas se uniram contra o avanço do facismo e nazismo, como também pela fragilidade orgânica da intelectualidade brasileira que não via outra forma

de sobrevivência senão escrever para revistas voltadas e mantidas pela elite e ocupar funções públicas. Isso explica por que, mesmo manifestando desde o golpe de 30 idéias contrárias ao governo de Vargas, Graciliano, além de ter contribuído com artigos para revistas governistas, exerceu diversas funções públicas, sendo a última delas a nomeação ao cargo de Inspetor Federal do Ensino dois anos após sua saída da prisão por motivos políticos em 1936. O posicionamento político de Graciliano, apesar de sempre muito claro, irritava tanto o lado governista, pois o autor não concordava com o populismo de Vargas, quanto o lado oposicionista comunista, pois, apesar de se afiliar ao partido comunista, Graciliano não concordava com alguns aspectos do movimento como a utilização da literatura como instrumento de propaganda política. Na época, com o surgimento do Realismo Socialista, que consistia na utilização de toda manifestação artística como forma maniqueísta de narrar a luta entre as classes, o Partido Comunista no Brasil começou a exigir que os escritores brasileiros criassem uma literatura sem subjetivismos ou neutralidade diante dos interesses do povo. Acontece que para Graciliano era impossível uma literatura verdadeira que não partisse do subjetivo do autor. Graciliano achava que escrever segundo essas ‘regras’ ditadas pelo Partido, tornariam os personagens artificiais e o livro pedagógico demais. Ele ia além defendendo o argumento de que o Realismo Socialista era uma falácia, visto que uma literatura para a massa só seria possível se escrita por alguém da massa, sendo que os escritores renomados da época provinham da classe média ou alta do país. Segundo Graciliano (apud MERCADANTE, 1994, p.157): *“Qualquer romance é social. Mesmo a literatura ‘torre de marfim’ é social, porque só o fato de procurar afastar os outros dos problemas é luta social”*. Entretanto, é interessante notar em suas obras, apesar da ausência do teor propagandístico, a forte presença de uma visão crítica e política da época.

Vidas Secas, publicado em 1938, é talvez a obra mais madura do autor ao abordar a temática social e política fora do viés simplesmente regional ou meramente propagandista. Nessa obra, o autor demonstra o poder que a linguagem (ou a ausência dela) tem nas relações sociais. Como bem afirmou Facioli:

Ali [em *Vidas Secas*], os obstáculos que os sertanejos encontram para sua integração no mercado de trabalho e, portanto, sua humanização, são a presença solidária da hostilidade natural e social, contra a qual lutam, entretanto. O enfrentamento do mundo hostil, naquelas condições particulares, passa a significar de modo mais abrangente a relação dos despossuídos com seus opressores para o conjunto do país, como também tem a ver com as condições do próprio texto radical no mercado capitalista (e mais ainda num mercado infracapitalista, como era aquele em que a obra circulou de início). (FACIOLI, 1987, p.99).

O governo de Vargas difundia a idéia do populismo e da centralização como formas de proteger a grande massa brasileira, criando-se a imagem do Estado que é capaz de discernir e precisar quais são as necessidades do povo. Enquanto o governo vendia ao exterior a imagem de um Brasil de riquezas sociais e étnicas centradas nas figuras do bom malandro e da mulata, reforçando o lado tropical e exótico não somente da fauna e flora brasileira como também do brasileiro, outras regiões e tipos brasileiros acabaram sendo esquecidos. É o sertão nordestino, que nada tem da exuberância descrita nas canções de Ari Barroso, que *Vidas Secas* procura retratar. Enquanto *Aquarela do Brasil* versejava sobre ‘fontes murmurantes que matam a sede’ e o ‘coqueiro que dá coco’, um outro Brasil de horizonte avermelhado, terra seca e céu de um desesperador azul indicava uma paisagem onde a falta d’água da época de estiagem revelava um povo alheio à exaltação ufanista exportada por Vargas.

Graciliano Ramos também contrapõe no livro a ideia de um país moderno e capitalista difundido por Vargas durante seu governo. *Vidas Secas* relata um país com regiões ainda vivendo num sistema semi-feudal, em que os donos de terra (os senhores), fazendeiros possuidores da maior parte das terras cultiváveis e possuidores dos rebanhos de gado revelam a exploração do trabalhador rural que vive praticamente como um nômade e totalmente subjugado a um ciclo vicioso de difícil rompimento, sempre preso ‘à gaveta do amo’. De acordo com Facioli:

Em sua obra [refere-se a obra de Graciliano]brilha a revelação das formas diversas de um país arcaico, às vezes rústico e rural, quase sempre bárbaro, de seres brutalizados e, por muitas razões, subumanos, humilhados e ofendidos, onde as relações sociais (econômicas, políticas, culturais) permaneciam anteriores e à margem

dos pólos dinâmicos em modernização segundo os padrões (de dependência) do capitalismo central externo. (FACIOLI, 1987, p.103).

O capítulo *Contas* demonstra essa relação semi-escravocrata entre o fazendeiro e Fabiano que não possui nenhum argumento ou proteção trabalhista a seu favor, aceitando todas as contas do fazendeiro, mesmo sabendo que eram injustas, pois o cálculo feito por sinhá Vitória sempre indicava valor maior do que o apresentado pelo patrão. Por fim, acabava se resignando; pois, apesar de injusto, não achava que tinha direitos e que se tratava de mais uma fatalidade da vida: ‘Quem é do chão não se trepa’.

Em todos os momentos em que Fabiano tem contato com transações de compra e venda, se sente enganado; seja pela suspeita de fraude na aguardente e querosene com água colocada pelo dono da venda, seja quando ele resolve vender partes de um porco que criara e se vê obrigado a pagar um imposto cuja razão ele não é capaz de entender. Fabiano se sente injustiçado e excluído desse universo de compra e venda em que há a possibilidade da obtenção do lucro. Mais uma vez ele se resigna diante de sua condição precária e instável, ressaltando sua origem como o fator determinante dessa condição. ‘Era a sina. O pai vivera assim, o avô também.’ Como se as vantagens do capitalismo servissem somente àqueles que já possuíam dinheiro, algo hereditário, portanto não era negócio para pessoas como Fabiano e, conseqüentemente, nem para seus filhos: ‘aquilo estava no sangue’. Portanto, a ideologia racionaliza a condição social e economicamente construída como inevitabilidade do destino ou de caráter hereditário.

Em *Vidas Secas*, o conflito entre a ideia de um Governo visto como uma instituição que protege e ampara os cidadãos, como a promovida pelo Estado Novo, e a forma como essa autoridade se apresenta na vida cotidiana é narrado principalmente nos capítulos *Cadeia* e *O soldado amarelo*. No capítulo *Cadeia*, Fabiano é preso injustamente por ofender um soldado que o agredira na vila. Na prisão, Fabiano e narrador ‘dividem’² um monólogo refletindo acerca do conceito de autoridade. Nessa

² Numa narrativa psicológica como a retratada em *Vidas Secas*, o uso do narrador onisciente favorece a mistura dos comentários durante a narração. Não se pode às vezes afirmar se as idéias – mais impressas que expressas – são de Fabiano ou do narrador, que tudo sabe.

reflexão, que representa um início de consciência política e ideológica do personagem, Fabiano pensa em reagir ao abuso e injustiça sofridos, defendendo seu direito de cidadão. Contudo, ele não se sente ‘homem’, ele afirma ser um ‘bicho’ e reconhece no soldado mais que um homem, um representante do governo, ou seja, do Estado. O personagem não consegue compreender como o Estado, sendo uma instituição abstrata, perfeita (porém distante), pode admitir que seu representante aja de maneira injusta e opressiva. Seu pensamento, nesse aparente momento de consciência revolucionária, percebe que o problema é mais profundo ainda, que é preciso atingir não o soldado, mas as pessoas que dão ordem aos soldados. Durante toda a narrativa, Fabiano, assim como os outros membros da família, é designado através de animalizações e reificações. Essa postura reforça a ideia que, sendo ele um objeto ou animal, não pertence a uma classe social, portanto não possui direitos. Fabiano representa nesses capítulos em que confronta a autoridade representada pelo soldado amarelo, o povo que não pode (ou não consegue) expressar-se e defender-se de um governo que deveria protegê-lo e não oprimi-lo. Graciliano submete o personagem a um rude determinismo dos poderes estruturais da vida, como se a seca e a autoridade fossem forças contra as quais Fabiano não pode fazer nada para evitar ou defender a si mesmo e a sua família. Fabiano aceita sua condição submissa diante do policial da mesma maneira que ele aceita a seca: ambas são fatalidades e catástrofes naturais. Entretanto, no final do capítulo *O soldado amarelo*, Fabiano, apesar da atitude resignada e obediente, demonstra que sua decisão em obedecer partiu da constatação de que não valeria a pena gastar sua força diante de ser tão inferior e fraco. Essa passagem pode sugerir novamente uma centelha de um sentimento revolucionário e consciente em Fabiano, uma demonstração de que o seu não-agir consciente comprove sua indignação diante das injustiças sustentadas pelo governo; entretanto pode também sugerir um sentimento de pseudo-superioridade em Fabiano, pois na verdade, sua atitude em não agir até pode revelar um certo descompromisso com a autoridade, uma recusa crítica em agir; porém também pode revelar seu fracasso diante do esforço em tentar compreender o sentido de algo tão abstrato como o conceito de “Governo”, representado na figura do soldado. Ao levantar a questão da relação entre autoridade e Estado, representado pelo soldado amarelo nesses dois capítulos, Graciliano demonstra seu posicionamento diante da política

populista de Vargas, ressaltando (e menosprezando) a incongruência ideológica entre um conceito mais abstrato e coletivo de governo e a atitude tangível e concreta de seu representante.

Vidas Secas também retrata o abandono, precariedade e alienação dos moradores das regiões fora dos eixos das grandes cidades (Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia etc). Apesar da tentativa de atingir toda a extensão territorial do país através do rádio, muitas regiões continuaram isoladas dos avanços da modernidade difundida pelo regime. O isolamento de certos habitantes do país é narrado no livro e reflete também na forma como o livro foi estruturado, através de pequenos capítulos sem aparente segmentação que formam um todo fragmentado. A ausência de uma marcação cronológica clara reforça ainda mais essa característica de alienação³ não somente temporal como também social da família de Fabiano. A narração atemporal e fragmentada de uma família alienada socialmente reforça o sentimento de segregação. A revelação de uma família, cujo isolamento também é refletido na maneira truncada em que os personagens se relacionam uns com os outros na trama, demonstra não somente a distância dos ideais varguistas como também a fraqueza dos *slogans* de um país moderno conduzido pelo ‘pai dos pobres’.

Como foi ressaltado no início, o governo de Vargas estava atento ao poder da linguagem e às vantagens advindas de seu controle. Durante essa época houve um grande investimento na área da comunicação, através da modernização de estações de rádio e outras novas tecnologias. O governo tinha forte influência nesse mercado, pois além de possuir algumas estações, também controlava as demais através do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). Por meio das estações de rádio, Vargas promovia e fortalecia seu governo, controlando as notícias e vendendo a imagem de um país moderno, que incluía todos os brasileiros num anseio nacionalista. Apesar de (e justamente por) saber do poder que a linguagem pode exercer, Vargas, após a instalação

³ Alienação aqui pode ser considerada de duas maneiras: primeiramente no seu sentido original, de algo que não pertence ao próprio indivíduo mas a outro; e posteriormente no seu sentido filosófico, como Houaiss define: ‘no marxismo, processo em que o ser humano se afasta de sua real natureza, torna-se estranho a si mesmo na medida em que já não controla sua atividade essencial (o trabalho), pois os objetos que produz, as mercadorias, passam a adquirir existência independente do seu poder e antagonica aos seus interesses’

do regime ditatorial do Estado Novo, tentou controlar todas as formas de expressão e manifestação culturais do país. Ironicamente, portanto, Graciliano Ramos, narraria em *Vidas Secas* não somente as falhas desse governo populista como o faria através do conflito da linguagem como forma máxima de realização (e anulação) da identidade humana.

A família de *Vidas Secas* reflete um poder de comunicação quase tão primitivo quanto o modo como vivem. A comunicação precária feita entre eles através de grunhidos, de imitações dos sons dos animais e da natureza, de monossílabos desconexos, de gritos e palavras sem sentido ou simplesmente pelo silêncio permeia toda a narrativa. Apesar da dificuldade, todos anseiam em se comunicar, principalmente para expressar seus sonhos e pensamentos; contudo, durante toda a narrativa as tentativas frustrantes de comunicação direta levam os personagens a um diálogo intenso consigo mesmos.

Algumas tentivas de estabelecer comunicação aparecem na narrativa quando os personagens se veem ‘protegidos’ ou ‘amparados’ por fatores externos ou por sentimentos de alegria: a bebida que encoraja Fabiano a falar, a noite chuvosa que esconde os rostos e os momentos de esperança do primeiro e do último capítulo, em que no primeiro, Fabiano sente vontade de cantar, e no último, ele se vê encantado com as palavras cheias de esperança de sinhá Vitória.

As palavras precisas e diretas (muitas vezes secas e grotescas como a paisagem e personagens que descrevem) escolhidas por Graciliano em *Vidas Secas* também contrastam com o léxico exagerado dos sambas ufanistas usados como propaganda de um país que ansiava por uma imagem de paraíso terrestre, enquanto que em *Vidas Secas*, o personagem do filho mais velho se vê às voltas, no seu limitado e confuso universo linguístico, com o desejo de entender a palavra inferno. Interessante a escolha de Graciliano pela palavra inferno, por que não escolhera ele paraíso? Cada um dos integrantes da família possuía um sonho. Fabiano sonhava com poder falar bonito e dar educação e uma vida melhor para os filhos; sinhá Vitória sonhava com uma cama de couro; o filho mais novo sonhava em ser como o pai; até mesmo a cachorra Baleia

sonhava com um mundo cheio de preás. O filho mais velho, por sua vez, buscava por horizontes mais amplos e distantes e sonhava adentrar no universo dos significados das palavras que desconhecia e, quando ouve pela primeira vez a palavra inferno, o desejo de compreendê-la e torná-la ‘coisa’ o intriga, ansiando a admiração que proviria do entendimento dela. Toda palavra carrega em si um significado construído a partir de analogias e referências com outras palavras, através da experiência, da vivência num processo de interrelacionamento que estabelecemos durante a vida; portanto, uma palavra carrega em si um certo universo de outros significados, assim como por exemplo, o coque de sinhá Vitória significava para o menino mais velho mais do que um simples penteado, como também um sentimento de medo e raiva; representava para ele a agressão física e a maneira de sua mãe relacionar-se com ele e o irmão. O sentido de algumas palavras constrói-se através do estabelecimento de oposições, como por exemplo, dia e noite, claro e escuro etc. O mesmo pode se dizer da polaridade implícita existente no par paraíso e inferno. Por que em nenhum momento a palavra paraíso aparece como oposição na trama? Pode-se supor que tal sentido era desconhecido pela família, entrando aí, talvez, a escolha precisa de Graciliano. O Brasil que ele narra, não é o do paraíso na Terra, mas sim aquele que não só desconhece o sentido de paraíso como também o de inferno por ser essa a única realidade, por não existir a dualidade dos sentidos numa vida em que mesmo precária era considerada boa, por desconhecimento do que poderia ser viver em melhores condições como a descrita na paradisíaca letra de *Aquarela do Brasil*. A palavra não se concretiza para o menino (e talvez para a mãe) por ausência de analogias que estabeleçam um sentido dentro de seu universo tão limitado, levando-o a concluir, baseando-se em sua escassa realidade, que inferno é o lugar com cobras e onde pessoas recebiam cocorotes, puxões de orelhas e pancadas com bainha de faca que tanto o limitavam e o aborreciam.

Sinhá Vitória é a que melhor se comunica, mas ainda assim, de modo precário e fragmentado, sendo que, na maior parte da narrativa, suas manifestações verbais são agressivas, geralmente chamando atenção das crianças ou praguejando sobre o que lhe incomoda. O menino mais novo tenta comunicar toda sua admiração ao ver o pai vestido e agindo como vaqueiro, porém sua mãe e irmão reagem com total indiferença,

levando-o a procurar a cadela Baleia que repete a mesma indiferença. Numa nova tentativa de comunicação com a mãe, recebe um cascudo e desiste inconformado com essa reação. O mesmo acontece com o irmão mais velho, apesar da diferente motivação. No caso dele, há ainda o agravante de que ao tentar compreender o significado da palavra, há ali representada a tentativa de quebrar com a barreira entre o opressor que domina a linguagem e o oprimido que não tem direito de acessá-la. Até mesmo a cadela Baleia, que por ser humanizada na narrativa, também tem seus momentos em que sente necessidade e vontade de se comunicar. Todos eles ao tentarem expressar seus sonhos e anseios, são sempre fisicamente castigados, como se o uso da linguagem representasse um poder perigoso, justamente por ser desconhecido e não dominado— assim como no mito do fogo roubado por Prometeu⁴. No segundo capítulo do romance, Fabiano se mostra preocupado com a curiosidade dos filhos quando um deles lhe faz uma pergunta. Para o sertanejo, ter ideias próprias e saber demais poderia ser algo perigoso. O perigo de manifestar seus pensamentos é reiterado nas passagens que descrevem o contato de Fabiano com os representantes da ordem: o fazendeiro, o soldado e o fiscal da prefeitura. Em todos os momentos em que ele resolveu manifestar sua indignação contra a opressão realizada por eles, sua situação instável se viu arriscada. Ao reclamar das contas feitas pelo patrão, ele é ameaçado de perder o emprego; ao argumentar com o fiscal sobre a cobrança do imposto, ele se vê obrigado a pagar uma multa além do imposto; ao tentar se defender das ofensas e agressão do soldado amarelo, ele recebe uma surra de facão e é obrigado a passar a noite na prisão. Os verbos utilizados por Graciliano na narrativa para se referirem aos representantes da ordem são geralmente os pertencentes a uma semântica do grito e do autoritarismo em oposição à semântica do silêncio e da submissão de Fabiano. São exemplos de verbos relativos à forma de se expressar do policial: ordenou, gritou, bradou, insultou, berrou, avançou; enquanto que os exemplos relativos a Fabiano são: gaguejou, moderou (a indignação), engasgou-se, não se defendeu, caiu, sentou-se, vacilou, curvou-se. O mesmo campo semântico pode ser confirmado no capítulo Contas.

⁴ Assim como no mito de Prometeu, o domínio da linguagem pode ser visto como o domínio pelos homens do fogo roubado dos deuses. Roubo esse que, apesar do poder, trouxe para aquele que o ousou realizá-lo um castigo cruel e sem fim.

Como bem argumenta José Carlos Garbuglio (GARBUGLIO, 1987, p.375):
“Instrumento de forças poderosas que articulam as atividades e ações de cada um, não sobra a Fabiano praticamente nada, nenhum direito, em especial o direito de fala.” E continua:

Os movimentos de cada um se executam como se fossem regidos por princípios rituais e atitudes envoltas em certa aura sacral, próprios de universo governado por forças poderosas e distantes. Desobedecê-los significa provocar reações contrárias e imprevisíveis, que acabam por se concretizar sob a forma de punição. (GARBUGLIO, 1987, p.375)

Por isso, Fabiano se preocupa com o fato dos filhos começarem a terem ideias próprias. Ele se vê na obrigação de educá-los para protegê-los do perigo que essa atitude pode provocar, reforçando sua expropriação do direito de se comunicar e o determinismo a que acredita estar subjogado e que os condena a um mutismo e nomadismo contínuos.

Outro personagem relacionado com a contradição que a linguagem provoca em Fabiano é Seu Tomás da bolandeira. Homem de posses e instruído, o sertanejo tem por ele admiração, pois ele sabia dizer palavras grandes e bonitas e mesmo tendo uma situação também precária, pelo menos Seu Tomás da bolandeira era um ‘homem respeitado’. Nota-se nessa passagem a importância da alfabetização como fator intrínseco da cidadania, revelando-se a razão de Fabiano sonhar com o domínio da palavra, pois essa seria uma forma de sua inserção e aceitação na sociedade não mais como um animal ou objeto, mas como um homem possuidor de todos os seus direitos. Por outro lado, Fabiano se vê entre dois sentimentos contraditórios, ao mesmo tempo que enxerga na capacidade de expressão, representado pelo exemplo do Seu Tomás, uma forma de ‘humanização’, ele não enxerga o lado prático em se dominar a linguagem, dado ao desfecho do dono da bolandeira, que também perde suas posses devido à seca. Portanto, além de ser perigoso, o domínio da linguagem lhe parece algo inútil, que promove benefícios relativos e limitados, longe da praticidade exigida pela vida que ele leva.

Não obstante os pensamentos contraditórios em relação à importância da linguagem, Fabiano e sinhá Vitória, no último capítulo sonham com a possibilidade dos filhos quebrarem com o determinismo e frequentarem escola, não havendo a necessidade de serem vaqueiros e retirantes como o pai. A escola é vista como uma forma de ascensão social, os filhos, então, não seriam bichos como ele. Graciliano também acreditava na importância da educação formal como solução para os problemas sociais do país e *Vidas Secas* levanta essa questão do acesso à linguagem como fator de transformação social. Todavia, como foi dito no início, a Educação promovida pela Era Vargas foi insuficiente para atingir as distantes regiões do país, se restringindo mais às escolas dos grandes centros urbanos, sendo voltada preferencialmente para a elite. A linguagem e o acesso à educação formal não são apenas direitos dos cidadãos mas elas espelham também juízos de valor da ideologia dominante. No caso do regime do Estado Novo, a educação cumpriu mais com sua função controladora, reforçando ainda mais os determinismos, do que sua possível função libertadora, fator esse ressaltado por Graciliano em seu romance, afinal, Fabiano ‘nunca vira uma escola’ e ‘Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha direito de saber? Tinha? Não tinha...’

Ainda no último capítulo, apesar do tom encantatório da fala de sinhá Vitória, enchendo-os de esperança em relação a um futuro diferente, a presença de poderes unilaterais, reforçada pelo direito ao discurso dos representantes do Estado, possibilita notar uma possível continuidade das diferenças sociais. O próprio título desse capítulo carrega uma semântica negativa: *Fuga*. Não obstante o aparente movimento cíclico do romance, pois o livro começa com a família caminhando em busca de um lugar e termina da mesma forma, o título *Mudança* do primeiro capítulo possui um significado de possível renovação, enquanto que *Fuga* aponta para uma atitude mais pessimista em que não se pode ao certo afirmar se eles fogem somente da seca ou da própria situação sem saída em que se encontram. A esperança que envolve os personagens no final do livro pode ser mais uma aceitação de suas condições, uma maneira de fugirem utilizando-se da ilusão de um futuro melhor, um conforto momentâneo, como o da cadela Baleia ao sonhar com seu mundo cheio de preás no momento de sua morte. Quando Fabiano diretamente se expressa: ‘- O mundo é grande.’, o próprio narrador

contradiz essa esperança ao sentenciar que para eles o mundo realmente era bem pequeno. A esperança nascida das palavras de sinhá Vitória, feito Pandora a abrir a caixa das desgraças humanas, pode ter como no mito um sentido dialético; pois tanto pode esse último sentimento humano liberado pelas mãos de Pandora (assim como em *Vidas Secas* é a voz feminina que a desperta) representar um consolo para a impotência humana diante das desgraças da vida, sugerindo um escamoteamento da realidade; como pode também representar o único bem que resta à humanidade diante das adversidades.

Através da narração desse ciclo em que vivem Fabiano e sua família, Graciliano demonstra que a família, a escola, as relações de poder reproduzem o sistema opressivo, omissivo e falho do Estado Novo; mas ao mesmo tempo, o autor deixa florescer em meio a sua escrita árida, dura e grotesca um broto de frágil esperança nos gestos de rude poesia da família de Fabiano, feito flor do mandacaru que só se abre na noite sertaneja para anunciar a possível chegada da chuva.

Bibliografia:

ABDALA JUNIOR, Benjamim. *A escrita neo-realista: análise sócio-estilística dos romances de Carlos de Oliveira e Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1981.

ANDREOTTI, Azilde L. *O governo Vargas e o equilíbrio entre a pedagogia tradicional e a pedagogia nova*.

http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/periodo_era_vargas_intro.html

BALLALAI, Roberto. *Estruturas de significação na narrativa 'Vidas Secas' em Séminaire Graciliano Ramos 'Vidas Secas'*. Centre de Recherches Latino-Américaines de l'Université de Poitiers, Janeiro, 1972.

BRASIL, Assis. *Graciliano Ramos: ensaio*. Rio de Janeiro: Simões, 1969.

CRISTOVÃO, Fernando Alves. *Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar*. Rio de Janeiro: Editora Brasília/Rio, 1977.

GARBUGLIO, José Carlos; BOSI, Alfredo; FACIOLI, Valentim et al. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987.

MALARD, Leticia. *Ensaio de literatura brasileira: ideologia e realidade em Graciliano Ramos*. Belo Horizonte: Itatiaia, [?].

MERCADANTE, Paulo. *Graciliano Ramos: o manifesto do trágico*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo – Rio de Janeiro: Difel/Difusão Editorial, 1979.

OLIVEIRA, Celso L. *Understanding Graciliano Ramos*. Columbia: University of South Carolina Press, 1988.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio, São Paulo: Record, 1979.

VIANA, Vivina de Assis. *Graciliano Ramos: literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1981.

VOLOSINOV, V. N. *Marxism and The Philosophy of Language*. New York & London: Seminar Press, 1973.

KRAMARAE, Cheri; SCHULZ, Muriel; O'BARR, William M. *Language and Power*. Beverly Hills, London & New Delhi: Sage, 1984.

WILLIAMS, Daryle. *Culture Wars in Brazil: the First Vargas Regime, 1930-45*. Durham & London: Duke University Press, 2001.